

Pesquisa de Habilidades Sociais com Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Gustavo Dobrandino da Silva

Aline Almeida Cabanha¹, Luciana Gomes¹, Maria Necilene Matias², Roseli de Vasconcelos Duarte³ e Ivo Valente⁴

1. Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário União das Américas (Foz do Iguaçu, PR).
2. Tecnóloga em Processamento de Dados (CESUFOZ). Acadêmica de Psicologia da Uniamérica.
3. Licenciada em Pedagogia (UEM). Pós-graduada em Psicopedagogia (ISULPAR-2004). Acadêmica de Psicologia da Uniamérica.
4. Psicólogo. Professor Orientador de Psicologia Uniamérica.

line_cabanha@hotmail.com, lucianagomesbr@hotmail.com, necilene@gmail.com e roselyvd@hotmail.com

Palavras-Chave

Adolescência
Autoestima
Problemas de comportamento

Resumo:

Introdução. As Habilidades Sociais são reconhecidas como um fator importante para uma boa convivência. O desenvolvimento dessas habilidades no contexto escolar contribuirá para que essa convivência seja mais harmoniosa e positiva. **Objetivo.** Avaliar as Habilidades Sociais de alunos do 9º ano e realizar oficinas com a turma com maior déficit e dessa forma contribuir em uma melhora dessas habilidades para que possam refletir no comportamento problema. **Metodologia.** Pesquisa exploratória, descritiva, de natureza qualitativa e quantitativa com uma amostra de 81 alunos, sendo que 28 desses participaram de oficinas de Habilidades Sociais com foco na autoestima. Para levantamento de dados foram realizadas entrevistas com a equipe pedagógica e aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e a Escala de Autoestima de Rosenberg. Foram realizados 17 encontros, sendo que destes, 9 constituíram-se por oficinas abordando vivência grupal, dinâmicas, palestra, vídeo, infográfico, roda de conversa e jogo de cartas da autoestima. **Resultados.** Constatou-se através do IHS um repertório abaixo da média e mediano para as 3 turmas pesquisadas, apontando um resultando baixo no fator que aborda comportamentos relacionados à autoestima. A escala de Rosenberg corroborou com este resultando dando indicações de uma possível baixa autoestima na maioria dos alunos. **Conclusão.** A pesquisa evidenciou baixo nível de HS com indicação de baixa autoestima. O desenvolvimento das oficinas buscou contribuir para melhorar essa habilidade nos alunos e refletir de forma positiva no comportamento desejado dentro da sala de aula.

Artigo recebido em: 12.07.2018

Aprovado para publicação em: 23.08.2018

INTRODUÇÃO

Estudos relacionados na área das Habilidades Sociais vêm se desenvolvendo significativamente nos últimos anos. Cada vez mais é possível encontrar trabalhos publicados em revistas internacionais e nacionais, capítulos de livros e, até mesmo, livros inteiros dedicados a essa temática. No Brasil os autores destaques e estudiosos do assunto é o casal de psicólogos e pesquisadores Almir e Zilda Del Prette. Eles defendem que um repertório desenvolvido de habilidades sociais pode ser considerado como um indicador preciso do ajustamento psicossocial do indivíduo e de suas perspectivas positivas. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

Em 2016, foi instituída a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2016) que prevê que os estudantes devem, ao longo da educação básica, desenvolver competências cognitivas e socioemocio-

nais para sua formação. São dez as competências gerais determinadas pela BNCC (2016, p. 17-19) consideradas fundamentais para estudantes, tendo previsão estimada para ser implementada a partir de 2019, sendo a nona competência:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

Tendo conhecimento da importância e da necessidade do desenvolvimento de habilidades sociais no contexto escolar, foram avaliadas as HS de todas as turmas de 9º ano do Colégio Estadual Gustavo Dobrandino da Silva, localizado na cidade de Foz do Iguaçu, PR, realizando oficinas com a turma que apresentou menor índice no repertório dessas habilidades. Nas oficinas foram aplicadas dinâmicas, palestras, vídeos, confecção de infográficos, atividades de reflexão, de auto-observação e aplicação de um jogo terapêutico adaptado pelas próprias acadêmicas de Psicologia. Com a aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) foi possível identificar um déficit geral e em praticamente todas as subclasses de habilidades, principalmente nas que exigem comportamentos relacionados à autoestima. Para complementar, realizou-se a aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg. Os resultados corroboraram com o IHS apontando baixa autoestima dos acadêmicos. Além do déficit identificado no inventário e na escala, a turma expressava aparente baixa autoestima através do comportamento em sala de aula e em relatos que confiavam aos professores.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As habilidades sociais constituem classes específicas de comportamentos presentes no repertório de um indivíduo que lhe permitem lidar de forma competente com as demandas de situações interpessoais, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com outras pessoas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005). Estes mesmos autores destacam que resultados de pesquisas na área de Habilidades Sociais têm apontado que:

[...] as pessoas socialmente competentes apresentam relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhor saúde física e mental. Por outro lado, os déficits e comprometimentos, de habilidades sociais estão geralmente associados a dificuldades e conflitos nas relações interpessoais, a uma pior qualidade de vida e a diversos tipos de transtornos psicológicos como a timidez, o isolamento social, a delinquência juvenil, o desajustamento escolar, o suicídio e problemas conjugais, além de outras síndromes como a depressão, o pânico social e a esquizofrenia. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001)

Toda relação interpessoal emite comportamentos que podem ser favoráveis ou não para todas as partes envolvidas, e a forma como esses comportamentos são emitidos e respondidos dependerá muito das habilidades sociais. Nessa linha de raciocínio Caballo (2006) define essas habilidades como:

[...] um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de modo adequado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais e que geralmente resolve os problemas imediatos da situação enquanto minimizando a probabilidade de futuros problemas.

HABILIDADES SOCIAIS E ADOLESCÊNCIA

A adolescência trata de um momento da vida que se caracteriza tanto por alterações corporais e psicológicas quanto por modificações das relações interpessoais com a família, os pares e os parceiros românticos (DEL PRETE; SOARES, 2015). Para desenvolver relacionamentos bem-sucedidos com colegas, pais e professores, as crianças e adolescentes precisam adquirir habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). A ausência dessas habilidades, segundo esses mesmos autores, pode acarretar prejuízos no desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes. Um estudo realizado por Parker e Asher (1987) *apud* Del Prette e Dell Prette (2013), mostrou que crianças e adolescentes com dificuldades em relacionamentos com colegas apresentavam com frequência um padrão de comportamento que pode ser descrito como antissocial e agressivo, envolvendo repetidas violações das normas escolares. Del Prette e Dell Prette (2006) reforçam a relevância das habilidades sociais acadêmicas, de autocontrole e expressividade emocional, solução de problemas interpessoais, habilidades para fazer amizades, construir civilidade, desenvolver empatia e assertividade.

As interações sociais que ocorrem no ambiente escolar podem favorecer ou prejudicar o desenvolvimento acadêmico e comportamental de crianças e adolescentes (MARIANO, 2015).

PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

De acordo com Bandeira; Rocha; Souza; Del Prette (2006), pesquisas nacionais realizadas com o objeto de investigar a relação entre a ocorrência de comportamentos problemáticos e o desempenho acadêmico dos estudantes, verificaram que crianças com dificuldades de aprendizagem apresentavam mais comportamentos problemáticos e maior grau de inadaptação social, comparativamente a crianças sem dificuldades de aprendizagem. Ainda de acordo com esses autores, crianças com dificuldades interpessoais na primeira infância, aumentam a probabilidade de que, ao alcançarem a adolescência, se envolvam com grupos desviantes e apresentem problemas de relacionamentos. Para complementar, os mesmos autores reforçam que, algumas pesquisas verificaram que a aquisição de habilidades sociais implica na diminuição da ocorrência de comportamentos problemáticos em crianças.

Os problemas de comportamentos podem ser classificados em externalizantes e internalizantes. De acordo com Achenbach, Edelbrock (1978) *apud* Mariano (2015) os problemas externalizantes são caracterizados pela agressividade, desobediência, oposicionismo, temperamento exaltado, roubos e fugas, e os internalizantes como exemplos a timidez, baixa autoestima e o isolamento. As queixas somáticas de dor de cabeça, de estômago, cansaço, náusea e insônia são correlatos comuns de problemas internalizantes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013)

3 AUTOESTIMA

O conceito de autoestima tem sido estudado e considerado como um importante indicador de saúde mental na adolescência, existindo uma correlação entre autoestima, rendimento escolar e aprovação social (BANDEIRA; HUTZ 2010).

A autoestima em adolescentes faz toda a diferença no ambiente escolar, e este dado é reforçado por Stei-berg (1999) *apud* Bandeira; Hutz (2010) de que:

Um bom grau de autoestima é crítico para o bom funcionamento do adolescente, uma vez que ela ajuda os adolescentes a acreditarem e confiarem neles mesmos. A autoestima também afeta o adolescente na forma de lidar com o ambiente. Crianças e adolescentes com boa autoestima persistem mais e fazem mais progressos diante de tarefas difíceis que aqueles com baixa autoestima. A posição que as crianças e os adolescentes ocupam entre seus pares é extremamente importante, uma vez que a autoestima é uma função deste status dentro do grupo. As crianças cujos pares não gostam dela têm menos oportunidades de desenvolver suas habilidades sociais.

Del Prette; Del Prette (2013) propõe que a autoestima se refere à avaliação de uma pessoa sobre seu próprio valor, adequação e competência, por outro lado Hutz (2014) refere-se à autoestima como um conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si, indicando que, de modo geral, altos escores de autoestima associam-se a humor positivo e a percepção de eficácia em relação a domínios importantes para a pessoa. Por isso, é possível que, alta autoestima geralmente indique saúde mental, habilidades sociais e bem-estar. Rosenberg (1989) em Hutz (2014) ressalta que, os adolescentes com baixa autoestima desenvolvem mecanismos que provavelmente distorcem a comunicação de seus pensamentos e sentimentos e dificultam a integração grupal. Portanto, é possível que o desenvolvimento da autoestima dependa do sucesso da interação com pares.

METODOLOGIA

CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE PESQUISADO

O projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Gustavo Dobrandino da Silva com as três turmas do 9º ano do ensino fundamental II. Após uma entrevista com a coordenação pedagógica e direção, constatou-se a necessidade de desenvolver um trabalho que pudesse refletir de forma positiva no comportamento desses alunos, bem como a melhorar o relacionamento com o professor e os demais colegas de turma, e assim contribuir para uma melhora na relação interpessoal de todos.

MÉTODO DE ABORDAGEM

O trabalho proposto é de caráter exploratório tendo como finalidade descrever todos os aspectos relacionados ao tema incluindo procedimentos de campo. A natureza da pesquisa é qualitativa e quantitativa. O objetivo foi avaliar as Habilidades Sociais de alunos do 9º ano e desenvolver oficinas com a turma com maio-

res deficits. A coleta de dados consistiu-se em entrevista semiestruturada com a equipe pedagógica da escola para verificação da demanda e problemática.

3 POPULAÇÃO

A escolha do local foi do tipo intencional ou seleção racional, principalmente pelo fato do interesse e necessidade do Colégio em se submeter ao estudo proposto. A amostra inicial para a pesquisa das Habilidades Sociais foi constituída por todos os alunos (81) que estiveram presentes no momento da coleta de dados, realizada a todas as turmas do 9º ano do Colégio Estadual Dobrandino Gustavo da Silva, com idade média de 14 anos, conforme Tabela 1 em anexo. As oficinas de habilidades sociais foram desenvolvidas com a turma que apresentou resultados com níveis deficitários na pesquisa. Sendo assim o público trabalhado resumiu-se aos 28 alunos do 9º ano matutino.

4 MATERIAIS E INSTRUMENTOS

Para avaliar as Habilidades Sociais dos alunos aplicou-se o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) que produz um escore geral e escores em fatores: F1 – Enfrentamento com risco, F2 – Auto-afirmação na expressão de afeto positivo, F3 – Conversação e desenvoltura social, F4 – Auto-exposição a desconhecido ou a situações novas, F5 – Autocontrole da agressividade a situações aversivas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014).

Para avaliar a autoestima utilizou-se a Escala de Autoestima de Rosenberg, tendo em conta que o mesmo foi reaplicado no último encontro para medir a efetivação das oficinas na autoestima dos alunos. O autoconhecimento foi analisado através de uma tarefa de auto-observação realizada como tarefa de casa. Também, com o intuito de colaborar para melhorar o autoconhecimento relativo à autoestima utilizou-se o baralho da autoestima, instrumento adaptado do inglês para o português. Essa adaptação foi feita pelos próprios desenvolvedores do projeto com finalidade exclusivamente acadêmica. Esse baralho foi deixado para uso da escola juntamente com seu manual de aplicação. Os jogos são utilizados com objetivos educacionais distintos como socialização, transmissão de valores e desenvolvimento de autonomia (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

PROCEDIMENTOS

Foram realizados 4 encontros para alinhamento da demanda e coleta de dados, 2 encontros para devolutiva do IHS à coordenação, 2 encontros para devolutiva do IHS aos alunos, e 9 encontros para aplicação das oficinas. As atividades tiveram início em 01 de março de 2018 e finalização em 18 de maio de 2018. As oficinas desenvolvidas tinham aproximadamente 60 minutos de duração e sempre no período matutino. Durante os encontros foram aplicadas práticas de vivência grupal, dinâmicas, palestra, vídeo, infográfico, rodas de conversa, tarefa de casa, jogo de baralho da autoestima.

Os encontros realizados nos dias 01/03/18 e 02/03/18 constituíram-se de reuniões com a equipe pedagógica e coordenação para alinhar demandas e definir público-alvo.

O Inventário de habilidades sociais foi aplicado no dia 05/03/18 na turma do 9ºA matutino e no dia 08/03/18 nas turmas do 9º B e 9º C, vespertino.

As devolutivas do Inventário de Habilidades Sociais para a equipe pedagógica e coordenação realizaram-se no dia 22/03/18 para a equipe das turmas do vespertino e no dia 27/03/18 para a equipe da turma matutino.

As devolutivas do Inventário de Habilidades Sociais para os alunos de forma grupal, realizaram-se no dia 28/03/18 para o 9ºA matutino e no dia 29/03/18 para as turmas do 9º B e 9º C vespertino. As devolutivas foram seguidas de atividades com duração de 60 minutos.

No dia 28/03/18 foi realizado a primeira oficina com os alunos do 9ºA matutino, onde, além da devolutiva do IHS, aplicou-se a escala de autoestima de Rosenberg e foi trabalhada a Dinâmica do desafio para explorar o medo, timidez e oportunidades na vida. Já no dia 29/03/18 realizou-se uma atividade interativa com a utilização de placas que continham subclasses de habilidades sociais, objetivando a apresentação das habilidades para os alunos e ao mesmo tempo levando a uma reflexão sobre quais as habilidades que mais se destacam entre eles.

A devolutiva da Escala de Rosenberg foi realizada no dia 06/04/18 seguido da Dinâmica do elogio, onde os alunos deveriam escrever em um papel qualidades dos colegas e ao final cada um ler os elogios recebidos, e comentando principalmente o elogio que mais lhe chamou a atenção.

No quarto encontro foi realizado a confecção de um infográfico, onde os alunos deveriam fazer um desenho com relação à questão “*como eu me sinto em relação aos outros?*”. Dando seguimento realizou-se uma palestra sobre o autoconhecimento com apresentação de slides. Logo após, foi dada uma tarefa de auto-observação para ser realizada em casa durante a semana. O *feedback* da tarefa de auto-observação foi realizado no dia 24/04/18, quinto encontro, seguido da dinâmica dos balões e posteriormente, no sexto encontro realizou-se uma palestra sobre a Autoestima seguido de um vídeo sobre o autoconhecimento.

No sétimo e oitavo encontros, realizados nos dias 14/05 e 15/05 respectivamente, foi trabalhado o jogo do baralho da autoestima com o objetivo de melhorar o autoconhecimento relativo à autoestima.

O encerramento foi realizado no dia 18/05/18 com *feedback* dos encontros, entrega de certificados de participação e um *coffee-break*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos pela aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) nas 3 (três) turmas estão dispostos em anexo na Tabela 2. Os resultados mostram que todas as turmas obtiveram resultados dentro na média ou abaixo dela, exceção do 9º ano A matutino, que obteve uma média de escore total indicando necessidade de treinamento (25%), o passo que o 9º ano B vespertino obteve um escore total dentro da faixa mediana (37%) e o 9º ano C vespertino obteve um escore abaixo da média (33%). Considerando que a turma do 9º ano A matutino, obteve o menor escore de habilidades sociais (25%), atentou-se para a necessidade de se desenvolverem oficinas de HS com essa turma em especial. Os resultados não se apresentaram aquém do esperado, já que as habilidades sociais na fase da adolescência estão em desenvolvimento, e é comum que apresentem resultados dentro da média ou abaixo dela, indo de acordo com o que enfatizam Del Prette; Del Prette (2005) que o desenvolvimento das habilidades sociais tem início no nascimento e se torna progressivamente mais elaborado ao longo da vida. Em síntese, quanto maior a idade, melhor deve ser o repertório de habilidades sociais do indivíduo, e quanto mais jovem, mais deficitário é seu repertório.

Com relação aos escores por subclasses de habilidades sociais, representados na Tabela 3 como fator 1, fator 2, fator 3, fator 4 e fator 5, observa-se que os resultados do 9º A indicam um repertório abaixo da média

em todos os fatores, com exceção do fator 3 com um escore dentro da faixa mediana (61,35%). As oficinas de habilidades sociais com essa turma tiveram como foco a subclasse de HS Autoafirmação na expressão de sentimento positivo (F2), por ter obtido um dos resultados mais baixos (31,89%). Essa subclasse de habilidades sociais, de acordo com Del Prette e Del Prette (2014), retrata demandas interpessoais de expressão de afeto positivo e de afirmação da autoestima, com risco mínimo de reação indesejável, ou seja, a competência social nessa subclasse tem como critério uma boa manutenção e melhoria da autoestima.

Os resultados obtidos na Escala de Autoestima de Rosenberg estão dispostos na Tabela 4 em anexo. Conforme observa-se na tabela, do total de 29 acadêmicos que responderam à Escala de Autoestima de Rosenberg, 17 alunos (58%) obtiveram nível referente a autoestima baixa; 5 dos alunos (17%) obtiveram nível correspondente a autoestima média e outros 5 (17%) obtiveram um escore de autoestima elevada. Dos 29 testes respondidos, 2 (6%) foram anulados, pois os respondentes deixaram questões em branco, impossibilitando a correção e tabulação. A média geral da turma foi de aproximadamente 23,74, o que classifica a turma, de modo geral, como portadora de baixa autoestima.

Finalizadas as oficinas, a Escala de Autoestima de Rosenberg foi reaplicada nos sujeitos da pesquisa. Os resultados podem ser observados na tabela da Tabela 4. Conforme os dados apontam, houve um aumento no nível de autoestima da turma, onde anteriormente a média da turma estava em aproximadamente 23,74 (baixa autoestima). Após a realização das citadas oficinas, a turma alcançou um escore de aproximadamente 25,46 o que continua caracterizando autoestima baixa, porém, na linha limítrofe, quase alcançado o escore para classificação como autoestima média (acima de 26 pontos). Devem ser levados em consideração fatores como a diferença entre o número de alunos que responderam ao teste em sua primeira e segunda aplicações, assim como o tempo limitado e curto para realização das oficinas.

A diferença entre os níveis de autoestima de adolescentes do sexo feminino e masculino podem ser observadas na tabela da Tabela 5. Conforme evidencia-se, o nível de autoestima dos adolescentes do sexo masculino é levemente maior que o nível de autoestima das adolescentes do sexo feminino. Isso vai de encontro com o que a literatura diz, onde adolescentes do sexo masculino tendem a ter maior nível de autoestima em relação à adolescentes do sexo feminino. (SIMMONS & ROSENBERG, 1975). É importante levar em consideração que o número de adolescentes do sexo feminino é ligeiramente maior que o número de adolescentes do sexo masculino, sendo este um ponto relevante para a interpretação dos dados.

Outro ponto importante a se considerar é referente a relação da idade dos adolescentes e nível de autoestima, pois a média de idade gira em torno dos 14 anos, o que condiz com o que estudos pontuam, onde a autoestima tende a aumentar com a idade, sendo no fim da adolescência e início da fase adulta maior do que no início da adolescência. (ROSENBERG, 1979, 1985).

Durante as oficinas observou-se uma resistência nas atividades que exigiam reconhecer qualidades próprias, fazer e receber elogios e expressar sentimento positivo. Esses comportamentos vão ao encontro com os resultados obtidos no Inventário de IHS e na Escala de Autoestima de Rosenberg.

No encontro onde a atividade proposta foi a confecção de infográficos, os alunos deveriam desenhar algo relacionado com a questão “Como eu me sinto em relação aos outros?”. Com tal proposta os resultados encontrados através de desenhos foram bem expressivos no sentido de sentir-se *como “uma lixeira”, “uma criança chorando”, “emoji triste e chorando”, “coração partido”, “gilettes simulando automutilação”, “desenhos com agressão”* até mesmo em frases deixadas abaixo do desenho como *“Eu não sirvo para nada”, “Uma lixeira vale mais do que eu”, “eu sou feia”, “eu sou um lixo”, “eu sou burro”,* revelando assim sinais de reflexo em uma baixa autoestima.

Com o Jogo do Baralho da Autoestima, foi possível observar através das respostas dos alunos dificuldades em expressar ou dizer o que estão sentindo por receio de reprovação dos pares. Também foi possível observar a dificuldade em dizer pontos positivos utilizando frases como “*não tenho qualidades*”, “*não faço nada de bom*”, “*eu só tenho defeitos*”. A mesma dificuldade em dizer qualidades ou frases positivas sobre si, foi notada na dinâmica das letras, onde cada aluno retirava uma letra de uma caixa e deveria dizer uma qualidade ou uma frase com aquela inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os resultados desse estudo chamam a atenção para a importância das habilidades sociais de adolescentes em idade escolar como forma de contribuir para uma melhoria nos problemas de comportamento e, conseqüentemente, para o desenvolvimento socioemocional. Estudos realizados nessa área utilizando-se de programas podem trazer ganhos tanto para o próprio aluno quanto para o âmbito escolar e familiar. O discurso de possível falta de recursos financeiros não permitiu que até o presente momento as habilidades sociais fossem ensinadas nas escolas, embora encontremos uma pequena porção de escolas particulares onde constam inseridas em sua grade curricular o ensino das Habilidades Sociais para alunos. Espera-se que muito em breve tenhamos essa realidade modificada, pois, de acordo com o documento da BNCC (2016) enviada ao MEC, as habilidades sociais consideradas como competências cognitivas e socioemocionais devam ser ensinadas nas escolas ao longo da educação básica. Enquanto isto, tornam-se muito relevantes as contribuições de trabalhos como o proposto aqui para que possam colaborar para uma reflexão da necessidade de se desenvolver as Habilidades Sociais no contexto escolar.

A aplicação das oficinas trabalhadas com a turma do 9º A que apresentou o menor índice no repertório de habilidades sociais, procurou contribuir para com a melhora na autoestima desses alunos para refletir na subclasse de habilidades sociais denominada Autoafirmação na expressão de sentimento positivo. Durante os encontros foi possível identificar que os alunos apresentavam dificuldades em participar de atividades que envolviam identificar qualidades próprias, emitindo timidez e demonstrando sentimentos de menosprezo para consigo mesmos, comportamentos estes, típicos de autoestima baixa, que ficou comprovado através dos instrumentos IHS e Escala de Rosenberg

Ainda que o desenvolvimento das atividades tenha sido de modo geral, de curto prazo, foi possível identificar na reaplicação da Escala de Rosenberg e nos relatos durante o feedback com os alunos, uma pequena melhora na autoestima de alguns participantes. Inclusive, o relato de um deles dizendo que “*depois de participar do projeto comecei a me observar mais e já não me sinto um lixo, como me sentia antes*” demonstra a efetividade do trabalho proposto contribuindo para uma reflexão dos alunos quanto a importância e os benefícios da manutenção da autoestima para um comportamento interpessoal saudável. Evidencia-se aqui a eficácia que a aplicação do projeto teria a longo prazo.

Cabe reforçar que para uma melhor efetividade das oficinas de habilidades sociais desenvolvidas com os alunos será necessário um ambiente que permita que seja exercido o que foi aprendido, principalmente no que tange ao apoio dos pais e professores que não foi objeto de estudo nesta proposta, mas evidencia os resultados evidentes a médio e longo prazo na possibilidade de ser aplicado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- CABALLO, V.E. **Manual de Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos, 2006.
- BANDEIRA, M; ROCHA, S.S; SOUZA, T.M; DEL PRETTE, Z.A. Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. **Revista online Estudos de Psicologia**. Vol. 11 n. 2, maio/agosto de 2006: 199-208
- BANDEIRA, C. M; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**. Vol. 14 n. 1, Janeiro/Junho de 2010: 131-138.
- DEL PRETE, Z. A.P.; DEL PRETE A. **Psicologia das Habilidades Sociais: Diversidade teórica e suas implicações**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- DEL PRETE, Z. A. P; SOARES, A. **Habilidades Sociais Diálogos e Intercâmbios Sobre Pesquisa e Prática**: Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.
- DEL PRETE, Z. A. P.; DEL PRETE A. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001
- HUTZ, C. S. (Org.). **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- MARIANO, M. **Práticas Educativas de professores, habilidades sociais e problemas de comportamento: um estudo comparativo, correlacional e preditivo**. Bauru. 2015
- ROSENBERG, M. (1979). **Conceiving the self**. New York: Basic Books.
- ROSENBERG, M. (1985). Self-concept and psychological well-being in adolescence. In R. Leach (Ed.), **The Development of Self** (pp. 205-246). Orlando: Academic Press.
- SIMMONS, R.G., & ROSENBERG, F. (1975). Sex, sex roles, and self-image. *Youth Adolescence*, 4, 229-258. Simmons, R.G., & Rosenberg, F. (1975). Sex, sex roles, and self-image. **Youth Adolescence**, 4, 229-258.



APÊNDICES

Tabela 1. Distribuição da população por turma, sexo e idade

Turma	Turno	Idade média	Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
9º A	Matutino	13,79	18	10	28
9º B	Vespertino	13,93	15	12	27
9º C	Vespertino	13,88	6	20	26
Total			39	42	81

Tabela 2. Total em percentil de Habilidades Sociais - Média por turma

Turma	Turno	Habilidades Sociais	Repertório
9º A	Matutino	25%	Necessidade de treinamento
9º B	Vespertino	37%	Mediano
9º C	Vespertino	33%	Bom abaixo da média

Tabela 3. Resultado IHS por subescala de fator - 9º A

Habilidades	Total (%)
Fator 1 - Enfrentamento e auto-afirmação com risco	31,78
Fator 2 - Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo	31,89
Fator 3 - Conversação e desenvoltura social	61,35
Fator 4 - Auto-exposição a desconhecidos e situações novas	41,76
Fator 5 - Autocontrole da agressividade	35,04

Tabela 4. Resultado da Escala de Autoestima de Rosenberg

Autoestima	1º Aplicação		Reaplicação	
	Qtd alunos	%	Qtd alunos	%
Elevada	5	17%	7	22%
Média	5	17%	9	28%
Baixa	17	59%	16	50%
Anulada	2	7%	0	0%
Total	29	100%	32	100%

Tabela 5. Resultado da Escala de Rosenberg por sexo

Autoestima	Feminino		Masculino	
	Qtd alunas	%	Qtd alunos	%
Elevada	3	15%	2	22%
Média	2	10%	3	33%
Baixa	13	65%	4	44%
Anulada	2	10%	0	0%
Total	20	100%	9	100%